

Descobrimos Fortaleza¹

Juliana Lopes Ordéas NASCIMENTO²
Alessandra Marinho BOUTY³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Com a intenção de trazer em sua edição um resgate dos lugares que um dia se fizeram destaques em Fortaleza, a revista A Ponte deu a equipe de fotografia missão de redescobrir a cidade através de suas lentes. Foi então que a equipe decidiu fotografar os espaços de transição e mostrar um centro da cidade, que mesmo sem a devida preservação, ainda mostra-se belo e cheio de encantos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Não-Lugar; Olhar.

1 INTRODUÇÃO

A revista A Ponte é uma publicação semestral, produzida pelos estudantes de jornalismo, que cursam a disciplina de impresso II, do 5º semestre, em parceria com o Núcleo Integrado de Comunicação (NIC), responsável pela produção de parte das fotos das reportagens e pela diagramação do produto.

Desde a edição nº11, a revista assumiu um perfil monotemático, ou seja, as matérias apresentadas na publicação abordam diferentes visões sobre o mesmo tema, que é escolhido no início do semestre pelos alunos da disciplina. A Ponte também é conhecida por suas capas criativas e artísticas. As imagens produzidas para a revista são capturadas por estudantes estagiários da célula de fotografia, do NIC, que, a partir desse novo perfil, permitem mais ainda que a criatividade prevaleça na hora de registrar imagens para a revista.

Neste *paper*, será apresentada a fotografia que resultou na capa da revista A Ponte, edição de número 19, publicada em 2014.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Transdisciplinar, modalidade Fotografia artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: julianaordeas@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Publicidade e Propaganda, email: alebouty@hotmail.com.

2 OBJETIVO

- Registrar uma imagem representativa da cidade de Fortaleza.

3 JUSTIFICATIVA

Nota-se uma crescente autonomia nos bairros da cidade de Fortaleza, tal autonomia fez com que ocorresse uma evasão do centro da cidade, visto que com a implantação de shopping centers nas localidades, cada vez as pessoas saem menos de seus bairros. Os shoppings oferecem em suas estruturas o que antes só era encontrado no centro da cidade. A falta de preservação por parte da administração pública também é um fator responsável tal evasão desse espaço.

Em 2009 o vereador Marcelo Mendes criou o projeto de indicação nº170/09, que sugere a recuperação das ruas e avenidas que compõe a área central, criando condições de tráfego e agregando valores ao espaço.

É importante resgatar a história da cidade, levantar discussões sobre a preservação do centro e da importância do mesmo não apenas o turismo, mas principalmente para os fortalezenses que cada vez mais deixam de transitar por esse espaço público.

A atual administração pública se comprometeu em iniciar as obras para revitalização das vias e dos prédios históricos. A nova proposta apresentada pelo prefeito, inclui desde a internalização da fiação até a reforma dos equipamentos. A prefeitura informou que as obras devem ser iniciadas até o final do primeiro semestre de 2015.

Com tal revitalização, acredita-se que a população se aproprie novamente desse espaço público de lazer. Dessa forma o centro novamente viva e as pessoas passem a usa-lo novamente como espaço de diversão.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com o projeto conceitual da revista sempre nos é dada a liberdade de criar e inovar, fugindo assim do comum. Foi passada à equipe de fotografia a missão de sair pelas ruas de Fortaleza e capturar imagens para a 19ª edição da revista A Ponte a qual se intitula “Descobrimo Fortaleza”, então surgiu a ideia de nos basear nos conceitos de não-lugar do

etnólogo e antropólogo Marc Augé. Então, foi necessário como método entender e discutir o não-lugar para chegar ao conceito da 19ª edição da revista A Ponte.

Entendemos não-lugar como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, isto é, segundo Augé, tudo que sirva apenas como espaço de transição e com o qual não criamos qualquer tipo de relação, torna-se um não-lugar. Assim, estes são definidos pelo autor como sendo espaços de anonimato cotidiano. Portanto, esses espaços são impessoais, uma vez que não lhes são atribuídos quaisquer tipo de características pessoais, ou seja, exatamente porque não tem qualquer significado ou história para nós.

Para Augé (2005,p169), podemos definir não-lugar como

Espaços de anonimato no quotidiano, espaços descaracterizados e impessoais, espaços a que não lhes são atribuídas quaisquer tipo de características pessoais.(...) “Os não-lugares são a medida da época; a medida quantificável e que se pode tomar adicionando, ao preço de algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, das auto-estradas e os habitáculos móveis ditos ‘meios de transporte’ (aviões, comboios, autocarros), os aeroportos, as gares e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de recreio, as grandes superfícies da distribuição”, (...) “a distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição do lugar ao espaço”. (...) “O não-lugar é o contrário da utopia: existe e não alberga sociedade orgânica alguma. E que de dia para dia, acolhe cada vez mais pessoas” (...), sobretudo nos grandes centros urbanos actuais, como é aqui o caso, a cidade do Porto.

O não lugar é uma realidade tão comum no século XXI, que é difícil encontrar alguém que não conheça lugares com tais características citadas acima. Cada vez mais, esse não-lugar ganha espaço devido a individualização advento do capitalismo e crescimento da tecnologia que nos permite conectar-se ao longe e desconectar-se ao perto.

Assim, nos sentimos tentados a ir ao centro da cidade e fotografar o não lugar que mais passam pessoas por dia, a Praça do Ferreira, que se localiza no centro comercial da cidade. Nossa atração pelo local deu-se após a disciplina da Sociedade da Informação e Tecnologias, onde fomos fazer um trabalho na praça e notamos que além de ser um não-lugar, lá também é um lugar mais forte ainda, pois ao mesmo tempo que é um espaço de transição, é um espaço de permanência onde diversos idosos ainda se encontram toda tarde para conversar e engraxar seus sapatos. É possível também encontrar diversas pessoas sentadas nos bancos desconectadas desse mundo e conectadas no seu.

Fotografar a Praça do Ferreira para a revista *A Ponte* nos permitiu criar, ir além do que já tinha ido e usar mais que o fojotojornalismo, usar a arte, usar o incomum. Arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação (AZEVEDO JÚNIOR, 2007).

Dentre seus principais conceitos a “arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite a expressa ideia e emoções”, por isso, para a apreciação da arte é necessário aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modo diferentes de fazer arte (AZEVEDO JUNIOR, P. 7, 2007).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO



A foto foi produzida na 19ª edição da revista dos alunos do curso de jornalismo da Universidade de Fortaleza. Foi passada a pauta para que saíssemos em uma tarde para fotografar com o tema “Descobrimo Fortaleza”, onde cada fotógrafo elegeu um local da cidade e eu⁴, a Praça do Ferreira. No dia a praça não estava movimentada como o habitual.

⁴ A partir deste ponto, o *paper* será escrito na primeira pessoa do singular devido ao caráter pessoal e ensaístico do processo.

Observando o vai e vem da praça, me recordei de imagens históricas que tive o prazer em estudar e fiz algo diferente. Decidi quebrar ângulos, sentei-me no chão e pensei em imagens as quais o telespectador se sentisse tentado a sair da zona de conforto e descobrir sua própria cidade e as belezas que nela encontra-se.

Ao se tornar concreta, a imagem fotográfica passa a constituir um bem público que, ao atingir uma plateia, deve ter seus significados e a importância de suas consequências levados em conta.

No momento em que é endereçada a seus eventuais receptores, deixa de pertencer somente a quem a produziu, sendo, então, apropriada em diferentes níveis de compreensão. (HUMBERTO, p.53, 2000).

A ângulo foi escolhido também para que aparecesse o mínimo de rosto possível, para assim não identificar as pessoas que transitavam no local.

Em um mundo que cada vez mais as cores são intensas, o preto e branco se torna a poesia da fotografia, pois a ausência de cores na imagem facilita a captura além da realidade. A fotografia monocromática nos facilita a abstração da imagem, o que nos faz criar algo que não é só um registro, mas sim algo novo, algo por si mesmo, arte. A fotografia em preto e branco busca ressaltar o contorno das figuras, a relação figura/fundo, o desenho da cena, enquanto a fotografia em sua forma mais livre lida com superfícies coloridas.

A fotografia monocromática lida com contrastes tonais e a fotografia em cores lida com o contrastes de matiz. Isso faz com que admiremos a foto por inteiro, cada detalhe, o que não nos é permitido na foto colorida, pois dentre as cores sempre haverá alguma que chama mais atenção para seu objeto, como por exemplo o vermelho. Diante disso ofereço ao espectador uma fotografia em preto e branco, com ângulos incomuns, para que as pessoas se incomodem e percebam o abandono do centro da cidade.

6 CONSIDERAÇÕES

Em reconhecimento ao estudo feito, a fotografia ganhou a capa da 19ª edição da revista A Ponte que teve 700 exemplares distribuídos entre os alunos da Universidade de Fortaleza e outras universidades da capital. Ganhar a capa da ponte me serviu como incentivo para que seguisse na área de fotografia. Aguçou-me a ideia de fazer a partir dessa imagem um ensaio. No mais, essa experiência me fez admirar o centro da cidade de forma mais delicada, descobrindo assim suas belezas no cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**, 90 Graus Editora, 2005.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

TABOSA, Adriana. **A perda do conceito original de arte**. Oficina CinemaHistória, Copyright ©, 2005.